

Indicadores Económicos

Na Zona Euro, a inflação aumentou para 2,1%, em Setembro, face aos 2%, de Agosto. Foi a evolução dos preços da energia, que subiram 9,5% em termos homólogos, a que mais contribuiu para o comportamento da inflação europeia. Excluindo a energia, os preços ao consumidor registaram um aumento homólogo de 1,3% no mesmo período, igual ao do mês anterior. A produção industrial diminuiu novamente 0,8% em Julho (MoM). Em termos homólogos, a indústria da Zona Euro viu a produção diminuir 0,1 %, o que acontece pela primeira vez desde Janeiro de 2017.

O Banco central Europeu (BCE) reviu ligeiramente em baixa as suas estimativas de crescimento económico para 2%, em 2018, e 1,8% em 2019. Apesar disso, as projecções macroeconómicas do BCE reafirmam a confiança na continuidade da expansão económica mas alerta para os riscos do abrandamento do comércio internacional.

Nos EUA, a confiança do consumidor voltou a aumentar em Setembro. O optimismo dos consumidores nunca esteve num nível tão elevado desde Setembro de 2000. Este optimismo é alimentado pelo dinamismo da economia dos EUA e pela situação muito favorável no mercado de trabalho. A taxa de desemprego caiu para 3,9%, o nível mais baixo desde 2000, o que favorece também uma subida dos salários.

Evolução dos Mercados

Em Setembro, os mercados accionistas registaram comportamentos mistos. Na Europa, o índice Eurostoxx-50 valorizou 0,2% enquanto o índice alemão DAX desvalorizou -1%. Do outro lado do Atlântico, o S&P-500 valorizou 0,4% e o Nasdaq-100, desvalorizou -0,4%.

Os mercados accionistas estiveram condicionados pelos novos desenvolvimento da guerra comercial entre os EUA e a China. O presidente dos EUA, Donald Trump, divulgou que 200 mil milhões de dólares de bens fabricados no país asiático serão sujeitos a tarifas de 10 %, mas que poderão atingir 25%, em 2019, caso não se chegue a acordo comercial entre os dois países. As tarifas americanas atingem agora quase metade do valor de todas as importações vindas da China. A retaliação da China passou pela imposição também de novas tarifas sobre produtos dos EUA no valor de 60 mil milhões de dólares.

O acordo atingido entre os EUA e o Canada fez acreditar que novos acordos possam ressurgir, especialmente com a China.

Sem surpresas, a Reserva Federal norte-americana subiu pela terceira vez, desde o início do ano, o intervalo das taxas de referência em 0.25% para os 2%-2,25%. No seu comunicado, o banco central norte-americano reviu em alta as suas estimativas para o crescimento económico para 2018 (de 2,80% para 3,10%) e 2019 (2,40% para 2,50%). O Presidente Jerome Powell deixou de apelidar acomodícia a política monetária e referiu que o processo de normalização continuará. A principal questão é perceber até que nível a Fed irá aumentar a taxa de juro directora.

Na Europa, os investidores estiveram focados na Itália, em especial depois do Orçamento do Estado para 2019 contemplar uma meta de 2,4% de défice, bem acima dos 2% defendidos pela a União Europeia.

Índices Accionistas

	Cotação	Δ Mês	Δ Ano	Δ 12 Meses
PSI-20	5359,27	-1,2%	-0,5%	-0,9%
Eurostoxx-50	3399,20	0,2%	-3,0%	-5,4%
FTSE-100	7510,20	1,0%	-2,3%	1,9%
S&P-500	2913,98	0,4%	9,0%	15,7%
Nikkei-225	24120,04	5,5%	6,0%	18,5%
MSCI EM	1047,91	-0,8%	-9,5%	-3,1%



Taxas de Juro

	Cotação	Δ Mês	Δ Ano	Δ 12 Meses
EUR 3 meses	-0,32%	0,0%	0,0%	0,01%
EUR 10 anos	0,99%	0,1%	0,1%	0,08%
USD 3 meses	2,40%	0,1%	0,7%	1,06%
USD 10 anos	3,12%	0,2%	0,7%	0,83%

Taxas de Câmbio

	Cotação	Δ Mês	Δ Ano	Δ 12 Meses
EUR/USD	1,1576	-0,6%	-3,5%	-1,9%
EUR/GBP	0,8873	-1,1%	0,0%	0,6%
EUR/JPY	131,23	1,7%	-2,8%	-1,2%



Commodities

	Cotação	Δ Mês	Δ Ano	Δ 12 Meses
GSCI TR	2859,44	3,9%	11,8%	22,9%
Petróleo	73,25	4,9%	21,2%	41,8%
Ouro	1192,50	-0,7%	-8,5%	-6,8%

Obs: Cotações a 30-09-18. Fonte: Bloomberg. Banco Invest

Gestão de Ativos

Paulo Monteiro
21 382 17 48 | paulo.monteiro@bancoinvest.pt
Raul Póvoa
21 383 56 18 | raul.povoa@bancoinvest.pt
José Pedroso
21 381 13 18 | jose.pedroso@bancoinvest.pt

Evolução dos Mercados (continuação)

Luigi di Maio, líder do Movimento 5 Stelle, com o apoio do seu parceiro de coligação Matteo Salvini decidiram implementar várias medidas, entre as quais a atribuição de um rendimento de cidadania e uma reforma parcial da Lei das Reformas e Pensões, o que implicará um défice público próximo dos 2,4%, constituindo uma vitória para a ala mais populista do Governo italiano. A coligação concordou em encerrar os exercícios de 2019, 2020 e 2021 com um défice orçamental de 2,4% do PIB, um valor bem acima do intervalo entre 1,6% e 2% que o ministro da Economia, Giovanni Tria, pretendia manter. Contudo, o principal índice italiano FTSE MIB terminou o mês a valorizar 2,2% e a *yield* da dívida pública italiana a cair para 3,14% face aos 3,23% do mês anterior.

Na última reunião do BCE, não houve alteração nenhuma ao nível da política monetária. A partir de Outubro, as compras de activos financeiros serão diminuídas para quinze mil milhões de euros por mês (actualmente em trinta mil milhões de euros) e terminam no final do ano. A principal taxa de juro de referência continuará nula, pelo menos, até ao verão de 2019. O BCE prevê inflação, excluindo alimentos e energia, de 1,8% em 2020. Os mercados monetários indicam uma subida da taxa de depósito na reunião de Outubro de 2019 e uma probabilidade maior de uma segunda subida em Dezembro 2019.

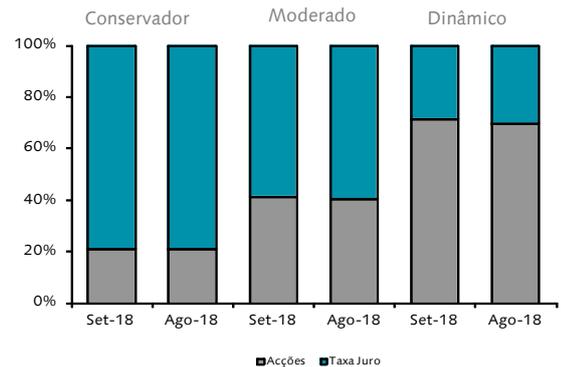
Alocação de Activos

O mês de Setembro foi positivo para a generalidade dos mercados accionistas mundiais. Nos Estados Unidos da América (EUA), o índice S&P-500 renovou máximos terminando o mês com uma subida de 0,4%. Na Europa, o índice europeu EuroStoxx-50 valorizou 0,2%, com o orçamento italiano e as negociações do Brexit a serem os principais tópicos do mês. De acordo com o plano do governo italiano, o défice do orçamento de estado para 2019 deverá ficar nos 2,4%, valor acima dos 2% que, de acordo com os analistas, seria um ponto de convergência com a União Europeia. Em relação ao Brexit, o impasse nas negociações entre a União Europeia e o Reino Unido continua, com a existência de cada vez mais vozes dentro do Reino Unido a pedirem segundo referendo. Por fim, os mercados emergentes recuperaram das quedas sofridas em Agosto, com destaque para a bolsa turca que valorizou 7,8%, em moeda local, e para o mercado brasileiro (IBOV) que subiu 3,5%.

Para o bom desempenho mensal das carteiras (+0,5%) contribuiu, sobretudo, a recuperação dos sectores financeiro (europeu) e telecomunicações (global), e dos mercados emergentes, tanto accionistas como de dívida. Durante o mês, foram reforçadas posições nos mercados accionistas norte-americano e emergentes, com base no bom momentum do primeiro e avaliações atractivas dos segundos, respectivamente.

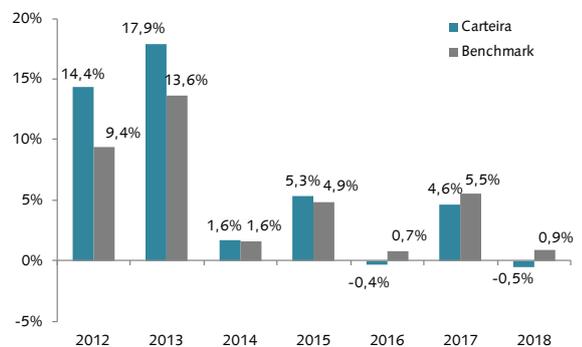
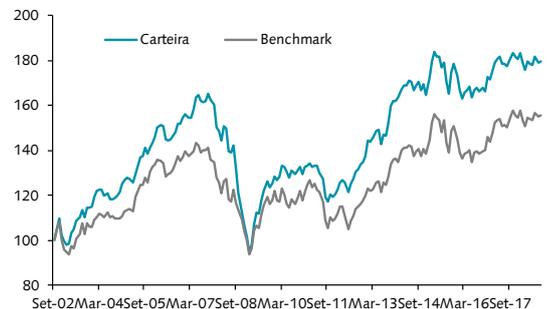
Estratégia de Investimento

Alocação de Activos



Rendibilidade Histórica

Invest – Dinâmico



Disclaimer

A informação contida neste documento tem um carácter exclusivamente informativo e particular. A informação foi obtida junto de fontes consideradas fiáveis, não sendo, contudo, possível garantir a sua precisão. As opiniões expressas são da inteira responsabilidade dos seus autores, reflectindo apenas os seus pontos de vista, os quais podem não ser coincidentes com opiniões expressas por outras áreas do Banco Invest, SA. O Banco Invest, SA rejeita qualquer responsabilidade por eventuais danos ou prejuízos resultantes, directa ou indirectamente, da utilização da informação referida neste documento. O Banco Invest, SA e os seus colaboradores poderão deter posições em qualquer activo mencionado neste documento. A reprodução de parte ou totalidade desta publicação é permitida, sujeita a indicação da fonte. Relativamente ao produto "Invest – Dinâmico", as taxas de rendibilidade apresentadas são líquidas de comissões de gestão e correspondem à mediana das rendibilidades das carteiras sobre gestão discricionária no perfil "Dinâmico". As rendibilidades dos índices que compõem o Benchmark são obtidas junto da Bloomberg. Taxas de rendibilidade e risco calculadas com base na cotação dos diversos activos a 30-Set-18. Rendibilidades passadas não constituem garantia de rendibilidades futuras. A rendibilidade do investimento depende da evolução dos activos detidos em Carteira, e pode ser influenciada por factores políticos, económicos e financeiros, incluindo variações cambiais, que estão inter-relacionados, bem como por outros factores que afectam, genericamente, os mercados financeiros.